

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

**SAGAIVS — UM NOVO GENTILÍCIO ROMANO
DOCUMENTADO EM CASÉVEL
(CASTRO VERDE)**

SAGAIVS — UM NOVO GENTILÍCIO ROMANO DOCUMENTADO EM CASÉVEL (Castro Verde)

Por JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

Apontaram os organizadores deste Encontro como seu primeiro objectivo fundamental o balanço da Arqueologia na região de Beja. Para tal se reuniram aqui, pela primeira vez, todos os investigadores que nela vêm trabalhando, para uma reflexão conjunta sobre o que se fez e para um perspectivar, a partir daí, dos parâmetros da futura actuação, em íntima consonância com os habitantes: “uma arqueologia com as populações e para elas”, lê-se no folheto do Encontro.

Não podia, pois, deixar de estar presente. Primeiro, porque ligado, desde o seu início, ao projecto de S. Cucufate (Vidigueira) sobre que dissertará o Doutor Jorge Alarcão na visita que gostosamente faremos ao local. Depois, porque estudei recentemente a epigrafia romana do *conventus Pacensis*, de que Beja (a romana *Pax Iulia*) era a capital ⁽¹⁾.

Das inscrições da cidade e seu termo muito se tem falado já. Mas nunca será demais repetir quão necessário é os membros da Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja assim como os autarcas e a população interessada acompanharem de perto todas as obras que se realizem den-

* Instituto de Arqueologia Faculdade de Letras 3049 Coimbra Codex

tro do perímetro urbano, nomeadamente as demolições: estamos em crer que a maior parte dos monumentos epigráficos da cidade romana foram, em tempos idos, incorporados nas paredes como material de construção. O exemplo de um Abel Viana sempre atento é, pois, lição a não esquecer — como, aliás, muito bem sublinhou o primeiro orador deste Encontro, Dr. Silva Passos.

Uma zona do distrito de Beja hoje nos prende particularmente a atenção: é o chamado *sudoeste*, centrado no concelho de Ourique. Importante na época proto-histórica, como o demonstram os múltiplos trabalhos (que, por demais conhecidos, nos dispensamos de citar) sobre, por exemplo, a I Idade do Ferro — o sudoeste revestiu-se de características próprias durante a ocupação romana, designadamente no domínio dos monumentos epigráficos. Já o sublinháramos em 1978 (*Conimbriga*, 17, 1978, 41-53), quando demos a conhecer a importante colecção de estelas guardada em Messejana pelo P.^o António Serralheiro (a quem, mais uma vez, rendemos homenagem pelo muito que a Arqueologia lhe deve). Salientámo-lo, de novo, com mais elementos, no capítulo III das *Inscrições romanas do conventus Pacensis* (ver mapa 1). A esse propósito, sugeriu o doutor Jorge Alarcão que por aí se situaria, quiçá, *Aranni*, “núcleo urbano pré-romano que, em data incerta, mas talvez no tempo de César ou de Augusto, terá sido elevado a capital de *civitas*, sem categoria municipal. Simples *oppidum*, romanizou-se e algumas das famílias indígenas adoptaram o gentílico juliano” (in *Arqueologia*, Porto, 11, Junho 1985, 104).

O monumento que hoje aqui trazemos à vossa consideração vem reatar estas reflexões. Enquadra-se perfeitamente nos dados já conhecidos, mas aduz um elemento novo que decerto irá suscitar a investigação de arqueólogos e de linguistas: trata-se do gentílico *Sagaius*, ao que supomos inteiramente desconhecido e cujas raízes etimológicas, se as conseguirmos determinar, se deverão ter em conta na análise cuidada dos vestígios arqueológicos e sua atribuição a este ou àquele estrato populacional.

Devemos à amabilidade do Dr. Caetano de Melo Beirão, director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, o conhecimento desta epígrafe — o que muito agradecemos.

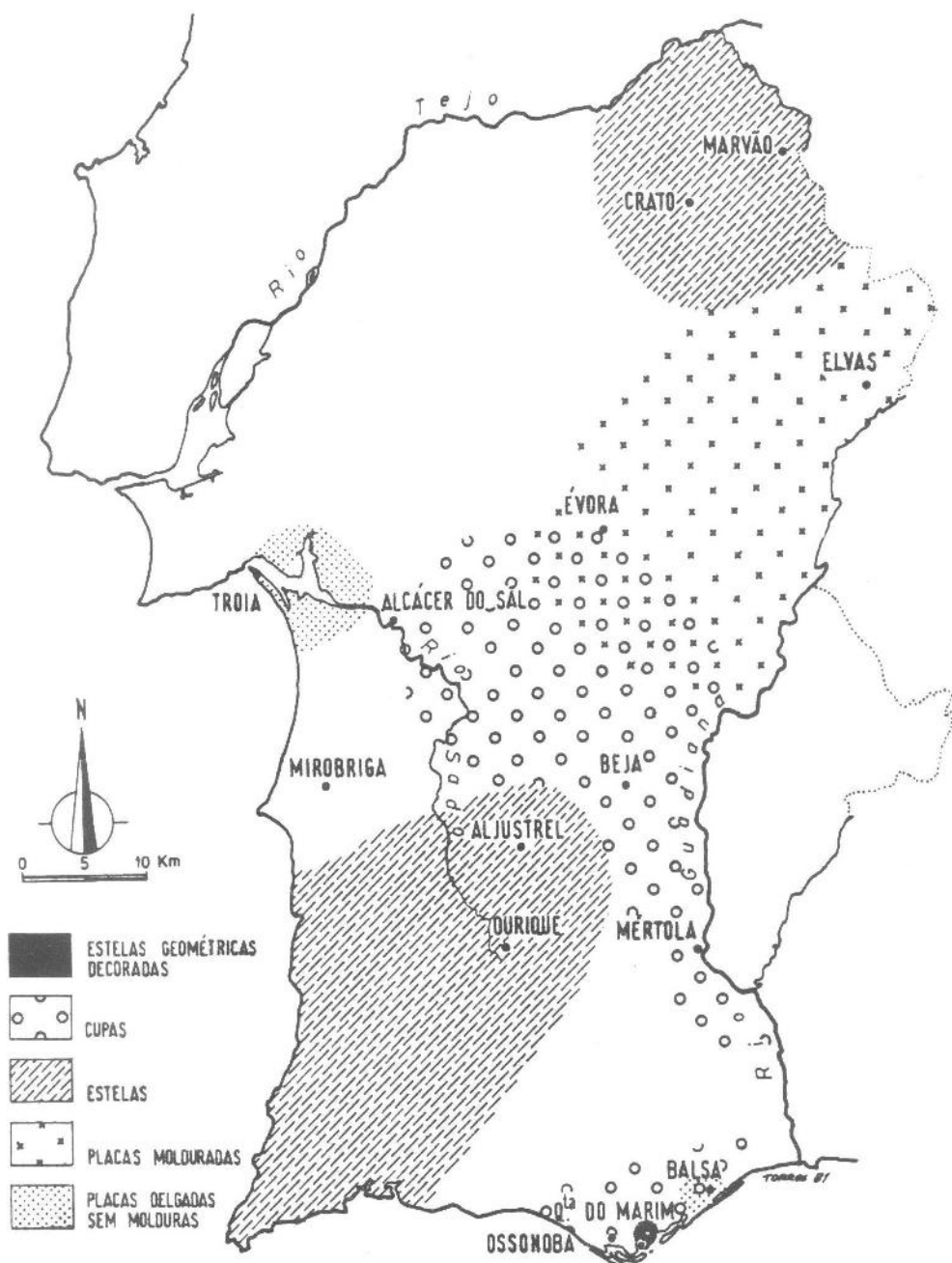
O achado fora-lhe comunicado, em meados de 1983, por Joaquim Camacho, de Casével (Castro Verde), o qual, a 27 de Outubro desse ano, o conduziu ao Monte das Almoleias (ou Almoleiras) de Cima onde, junto à área residencial, estava esta “pedra com letras”. O monumento proviera de um local perto do monte; recolheram-se, na ocasião, a poucos metros, “alguns fragmentos de vidro, de aparência romano e um fragmento de cerâmica romana”; próximo, parecem existir “vestígios de um habitat romano”, conforme também nos informou Melo Beirão.

É uma estela funerária, em xisto, com 79 centímetros de altura por 42 de largura e 5 de espessura ⁽²⁾. O texto, latino, diz apenas:

AQUI JAZ LÚCIO SAGAIO, FILHO DE MÁXUMO.
QUE A TERRA TE SEJA LEVE.

CONVENTUS PACENSIS — Monumentos funerários

FORMAS DOMINANTES



Um ponto nos merece, desde já, atenta reflexão: o extraordinário cuidado com que o monumento foi preparado. Outros há, na zona, em que também se fizeram linhas de pauta (cf. IRCP 125 e 135) ou se preparou cuidadosamente o campo epigráfico (cf. IRCP 126). Mas, aqui, o requinte é maior: embora grosseiramente, o topo (hoje fracturado) foi arredondado; lateralmente, houve a preocupação de se fazer um corte rectilíneo (a parte inferior era para enterar no chão, por isso se deixou irregular). Além disso, e este é o pormenor mais significativo e inédito na epigrafia romana do sudoeste, o campo epigráfico foi delimitado lateral e superiormente por dois sulcos paralelos — como que numa imitação das molduras que, mais tarde, serão frequentes a limitar, por exemplo, o campo epigráfico das placas funerárias. Não resistimos, no entanto, a comparar o quadro com o da estela da I Idade do Ferro achada na Herdade da Abóbada, Almodôvar, relativamente perto, por conseguinte ⁽³⁾: a semelhança é flagrante, a atestar uma continuidade cultural.

Por outro lado, o espaço vertical encontra-se dividido em três registos, para as três linhas do texto, por um par de linhas de pauta, que, embora, não tenham servido para assentamento das letras, dão ao conjunto uma importante nota de regularidade e beleza. A isso também não são alheios os pontos bem redondos, bem colocados a meio e segundo as regras ⁽⁴⁾, e o excelente recorte dos caracteres, onde ressalta eficazmente o jogo do claro-escuro, de forma que, por vezes, parecem em relevo.

Finalmente, se é notável a distribuição do texto segundo a lógica — identificação do defunto na linha 1, a filiação na linha 2 (com ajustada utilização de um nexa corrente, MA), as fórmulas finais da linha 3 — não deixa igualmente de ser apreciável a adequada colocação do campo epigráfico na metade superior da estela.

Por consequência, e esta é a primeira conclusão, o monumento foi executado por quem está perfeitamente dentro dos cânones da epigrafia funerária romana. Soube-os aplicar superiormente — para mais, num material tão fácil de lascar como é o xisto. Integrável no conjunto característico das estelas romanas do sudoeste — relacionáveis, como temos dito, com os monumentos epigráficos da I Idade do Ferro — supera, pela qualidade, todas as que até agora se conhecem.

Feitas estas considerações sobre as características materiais do monumento, analisemos agora o conteúdo da inscrição e as ilações que dele se podem tirar.

Atentemos, em primeiro lugar, na simplicidade do texto: à identificação do defunto apenas se acrescenta a fórmula *hic situs est*, 'aqui jaz', e o voto habitual — *sit tibi terra levis*. Não há indicação da idade com que faleceu; não se menciona o dedicante.

Depois, como se identifica o defunto: o *praenomen*, Lucius, o gentílico, *Sagaius*, e a filiação. Não tem *cognomen* e o pai vem designado não pelo *praenomen* (que não teria) mas por um cognome de origem latina, *Maxumus*. Estamos, conseguintemente, perante um indígena romanizado, diríamos que da "terceira geração". O pai identifica-se à maneira indígena, com um só nome, mas esse nome já é latino — por sinal, um dos cognomes latinos mais

frequentes em meio indígena peninsular. Mas o filho tem onomástica romana, com *praenomen* e gentílico. A ausência do *cognomen* situa a epígrafe numa época em que ele ainda não era corrente, ou seja, nos primórdios do século I da nossa era.

Agora, o mais curioso é que, como dissemos, o gentílico *sagaius* ainda não está documentado.

Num trabalho-síntese sobre o sudoeste peninsular, recentemente publicado ⁽⁵⁾, observa J. Untermann que há antropónimos que são reflexo, mesmo na época romana, de uma onomástica indígena, indiciando que, apesar de todas as posteriores influências de Iberos e de Celtiberos, “a população manteve, por longo tempo, a sua antiga língua (p. 21)”. E Untermann acrescenta: “É muito possível que tenha sido o latim o que logrou extinguir definitivamente o idioma tartéssico” (ibidem). Desta sorte, conclui: “Restam-nos as inscrições, os antropónimos e os topónimos como elementos susceptíveis de definir uma língua que se falou no sudoeste peninsular, durante a época pré-romana” (ibidem). Será o antropónimo *Sagaius* um desses elementos?

Maria de Lourdes Albertos, por seu turno, verifica a frequência com que ocorrem nesta zona antropónimos relacionáveis com os Celtiberos: *Aplondus* (IRCP 129, de Ourique (?)), *Coimia* (IRCP 131, de Messejana), *Letondo* e *Mermandus* (de Panóias, IRCP 130 e 127), *Statullus* (IRCP 124, de Reguengos de Matos — ligado, em seu entender, ao antropónimo *Statulicum* registado na face B do bronze celtibérico de Botorríta ⁽⁶⁾). E a ilustre linguista espanhola comenta assim — “Há que pensar em algo mais do que em simples emigrantes” (carta de 9/II/1985) — a hipótese por nós sugerida de que a presença dessa onomástica no sudoeste poderia prender-se com a vinda de gentes do norte lusitano ou galaico para o território junto às minas de Aljustrel (IRCP, 777).

Essa imigração estava, aliás, bem patente no epitáfio de Ladrone, um brácaro do castelo Durbede, encontrado em Garvão (IRCP 122).

Por conseguinte, a questão é clara: *Sagaius* pertence à onomástica latina, à onomástica céltica/celtibérica ou teremos de buscar a sua origem mais além, a essa antiga língua tartéssica, anterior a Celtas e Celtiberos?

Até agora, os gentílios documentados na região são predominantemente latinos ⁽⁷⁾: abundam os *Iulii* (seis testemunhos), há uma *Laberia*, um *Licinius*, um *Postumius* (igualmente sem *cognomen*) e temos conhecimento de um *Ulpus* e de um *L. Cornelius* (ainda inéditos). Deste contexto inteiramente latino, apenas se exceptuam os gentílios *Naeidius*, aqui registado pela primeira vez (IRCP 135), e *Aunius* (IRCP 153), este de etimologia céltica ⁽⁸⁾. Portanto, o mais natural era que *Sagaius* fosse também de etimologia latina.

A primeira ideia é de aproximá-lo de *sagum*, ‘saio’, incluindo-o no grupo a que pertencem os antropónimos *Sagarius* (CIL VI 33906, X 3699, XII 1898, por exemplo), *Sagata* (CIL IV 756), *Sagatius* (CIL V 3025), tanto mais que a ligação de *Sagaius* com topónimos e antropónimos micrasiáticos começados por SAG-(v.g., o hidrónimo *Sagaris*) não parece plausível. Há, ainda, o antropónimo *Saga*, documentado em Córdoba (ILER 2892) ⁽⁹⁾; mas a relação, que teria sentido pejorativo, de *Sagaius* com o nome comum *saga* ‘feiticeira’ é pouco sedutora ⁽¹⁰⁾; de resto, é duvidosa a identificação, em S. Vicente de

Alcântara (Cáceres, CIL II 731 = ILER 918), de um teónimo com esse nome⁽¹¹⁾.

Optando por uma etimologia latina de *Sagaius*, poder-se-ia isolar um radical **sag-*, relacionável, segundo Ernout-Meillet⁽¹²⁾, com *sagio*, termo de caça, cujo primitivo significado seria 'buscar', procurar. *Sagum* seria, desta sorte, uma palavra ligada à caça e, por extensão, à actividade militar, e a *Sagaius*, seu eventual derivado, se poderia atribuir, por isso, uma conotação guerreira.

Curiosamente, é no mesmo sentido que vai uma outra aproximação assaz verosímil: com o antropónimo *Segeius*. *Segeius* regista-se na Gália Narbonense (CIL XII 2953 e 5163) e junto a Oviedo, em plena zona celtibérica peninsular (CIL II 2698)⁽¹³⁾.

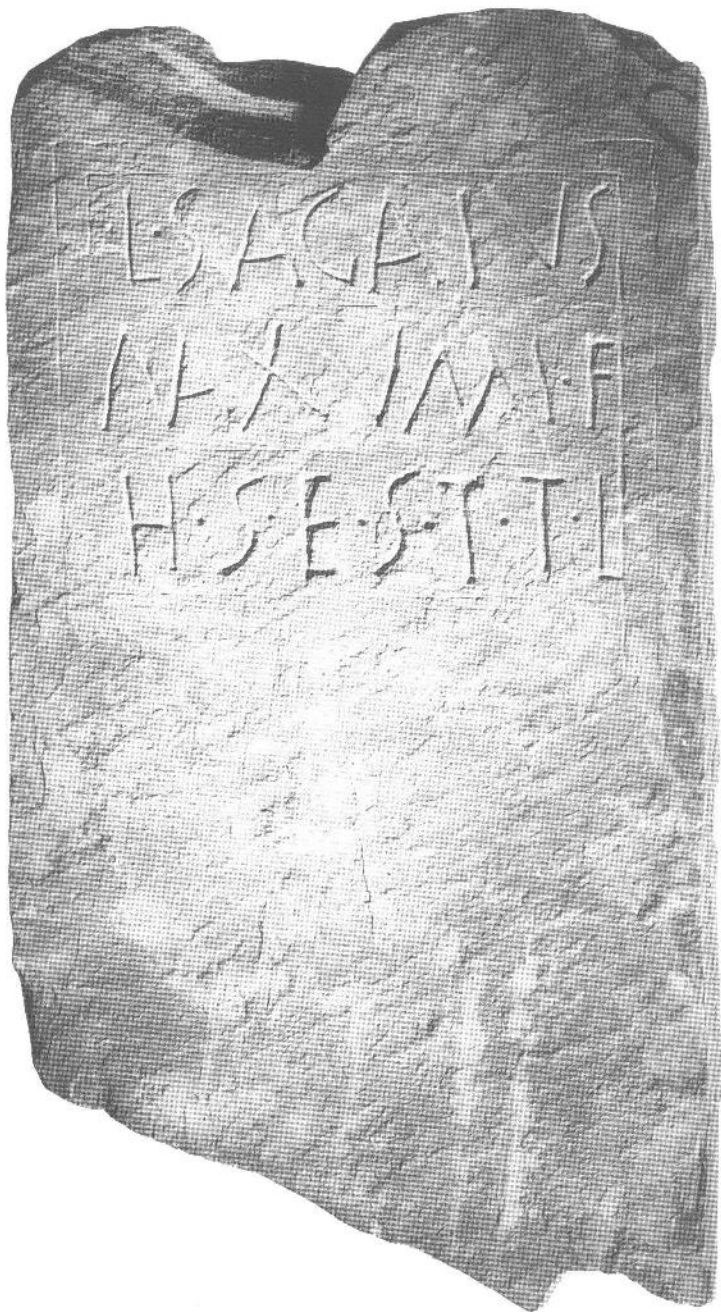
Segundo Maria de Lourdes Albertos⁽¹⁴⁾, *Segeius* formou-se a partir de "um dos radicais mais fecundos na onomástica pessoal indoeuropeia, especialmente celta e germânica: **segh-*, **seghi-*, 'sujeitar', 'vencer', **seghos*, 'vitória', etc.". É normal, por outro lado, nas línguas célticas, o -e- interconsonântico estar representado por -a- (cf. ALBERTOS, *o.c.*, 298). Também o ditongo -eu- aparece, às vezes, grafado -au- (cf. ALBERTOS, *o.c.*, 299), o que decerto nos autoriza a sugerir que, de igual modo, -ai- possa estar por -ei-, apesar de Lourdes Albertos não apresentar nenhum exemplo deste caso. Será, por consequência, muito plausível que *Sagaius* equivalha a *Segeius*. De resto, como nos sugeriu Walter de Medeiros, é bem possível que estejamos, afinal, perante um caso de interinfluência de duas raízes, reconduzindo os dois antropónimos a um étimo único e comum — "o que seria mais provavelmente **segh-* do que **sag-*, dada a maior largueza de difusão daquela raiz".

Teríamos, assim, mais um testemunho da presença de Celtiberos no sudoeste, a confirmar a hipótese sugerida por Maria de Lourdes Albertos de que, mais do que num fenómeno de emigração, se deverá pensar preferentemente num verdadeiro povoamento celtibérico pré-romano⁽¹⁵⁾.

A tese alcançaria, obviamente, maior credibilidade se conhecêssemos como era o sistema onomástico celtibérico, porque *Sagaius* é, no caso verídico, um gentilício e *Segeius* se apresenta em CIL II 2698 como patronímico. A eventual elevação de um nome indígena à categoria de gentilício não deixa, também, de ser interessante⁽¹⁶⁾.

Estamos, por conseguinte, em presença de um antropónimo do maior interesse científico e a aparência modesta da estela xistosa de Almoleias de Cima reveste-se, desta forma, de importância invulgar.

Estela de L. *Sagaius*, achada em Casével (foto Serv. Reg. Arq. Zona Sul). ▶



LES AGA JS
H X I M Y F
H S E S T T

- (1) José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1984 (= IRCP).
- (2) Fazemos no *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 18, 1986, 82, o estudo epigráfico propriamente dito do monumento.
- (3) Cf. COELHO (Luís) e DIAS (M. M. Alves), "Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada — Almodôvar (Primeira notícia)", *O Arqueólogo Português*, III série, 5, 1971, 181-190.
- (4) O ponto que, na linha 1, precede o L visa obter o equilíbrio da linha com a haste esquerda do M da linha seguinte.
- (5) "Lenguas y unidades políticas del Suroeste hispánico en época prerromana", *De Tartessos a Cervantes*, Köln, 1985, 1-40 (separata).
- (6) Cf. ALBERTOS (M. Lourdes), "La onomástica de la Celtiberia", *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, 1979, 131-167.
- (7) ENCARNAÇÃO (José d'), "Épigraphie funéraire du conventus pacensis (Lusitanie) — un essai de distribution geo-sociologique des types de monuments", *Épigraphie Hispanique*, Paris, 1984, 299.
- (8) ALBERTOS (Maria de Lourdes), in *Emerita*, 40, 1972, 19.
- (9) ILLER = J. VIVES, *Inscripciones latinas de la España romana*, Barcelona, 1971-72.
- (10) Agradecemos ao Doutor Walter de Sousa Medeiros a pronta colaboração que nos prestou nesta incursão etimológica latina.
- (11) Cf. ALBERTOS (Maria de Lourdes) in *Primitivas Religiones Ibericas*, tomo II — *Religiones Prerromanas*, Madrid, 1983, 485.
- (12) A. ERNOUT e A. MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, ⁴ (1959).
- (13) Sobre o carácter celtibérico do radical não deixa qualquer dúvida, por exemplo, o mapa apresentado por J. UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, mapa 67 (*Segontius*), 157-158. *Segobriga* era, como se sabe, a capital da Celtibéria.
- (14) *La onomástica primitiva de Hispania*, Salamanca, 1966, 201.
- (15) Anote-se que, ao estudarem a distribuição peninsular das cerâmicas estampilhadas datáveis da Idade do Ferro (*O Arqueólogo Português*, III série, 7-9, 1974-1977, 165-202), José Morais Arnaud e Teresa Jüdice Gamito consideraram esse tipo de cerâmica "tipicamente celtibero" (p. 198), porque é possível identificar com os Celtas ou Celtiberos os Arévacos referidos por Estrabão (*Geografia*, 4, 13). Ora, se tivermos em conta que a cerâmica estampilhada aparece, por exemplo, no Monte Montel (Entradas, Castro Verde) e na Mesa dos Castelinhos (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar) (p. 195), no sudoeste portanto — será essa uma das provas arqueológicas do que se afirma. Nesse caso, a penetração apontada pelos autores, na carta da pág. 192, ter-se-ia prolongado mais para ocidente.
- (16) Sobre os Celtiberos, designadamente do ponto de vista linguístico, cf. J. UNTERMANN, "Die Keltiberer und das Keltiberische", in *Problemi di lingua e di cultura nel campo indoeuropeo*, a cura di Enrico Campanile, p. 109-128 (separata sem data nem local de edição indicados).